

## **A presença de japonesas e japoneses imigrantes nas imagens do álbum do 10º aniversário da colônia de Bastos – São Paulo (1938)**

Daniel Choma

Mestrando em História na Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH/UDESC)

Especialista em Fotografia: práxis e discurso fotográfico (UEL)

Graduado em Comunicação Social (UEL)

danielchoma@yahoo.com.br

### **Resumo**

O artigo traz uma análise do álbum produzido pelo fotógrafo Suejiro Yasunaka e publicado em 1938, em comemoração pelo 10º aniversário da “Fazenda Bastos”, SP. Este fotógrafo japonês percorreu a região, a cavalo, portando pesado material fotográfico, registrando o trabalho de dezenas de famílias recém chegadas ao Brasil. Com o patrocínio dos estabelecimentos comerciais e dos trabalhadores e trabalhadoras locais, produziu e organizou um álbum de 214 páginas, impresso em gráfica. Busca-se detectar o modo como homens e mulheres surgem nas centenas de fotografias para discutir os papéis sociais afirmados à época por mulheres e homens situados em um contexto específico de imigração recente. Tangenciando uma discussão sobre a fotografia como fonte histórica, verifica-se a potencialidade do álbum comemorativo em trazer à luz relações de gênero. Situando os possíveis objetivos da Sociedade Colonizadora do Brasil, do fotógrafo, das famílias e dos comerciantes da colônia, busca-se levar em conta a função social do material.

**Palavras-chave:** imigração japonesa, fotografia, gênero.

### **Abstract**

The article raises an analysis of the album produced by the photographer Suejiro Yasunaka and publicized in 1938, to celebrate the 10th birthday of the “Bastos Farm”, at São Paulo state. This Japanese photographer traveled all around this region, on horseback, carrying a heavy photograph staff, registering the work of many families which had just arrived in Brasil. With the sponsorship of the business and local workers, S. Yasunaka has produced and organized a 214 pages album, graphic printed. We try to search the way how men and women appear inside these hundreds of photos intending to discuss the social parts affirmed at these times by women and men inside a specific context which is the recent immigration. Walking around a discussion about the photograph as historic document, we can verify a potential of this celebration album to bring gendered relationships. Locating possible aims from the Brazilian Colonization Society, from the photographer, from the families and from the colony business men, we try to consider the social function of the photograph material produced.

**Keywords:** Japanese migration, photography, gender

## Introdução

O migrante parte de seu território, pedaço querido de que tem que se desgarrar e vai deixando pelo caminho fragmentos de sua vida, de sua experiência anterior. Na poeira da estrada que percorre, vai deixando detritos de sua alma, de sua cultura, de sua memória. O eu deste ser nômade começa a se despedaçar; o longo período que havia levado para construir este eu já surge em sua memória como reminiscências. Reminiscências feitas de breves iluminações, de fragmentos deste passado, com as quais ele tenta remontar o roteiro de sua vida, de sua memória.<sup>1</sup>

Das reminiscências de um fotógrafo imigrante. Das iluminações que sensibilizaram saís de prata, homens e mulheres. De um álbum conservado durante 70 anos, fragmento de um passado ainda presente. Com estes elementos, busco uma alquimia que permita revelar as representações de gênero em uma comunidade japonesa imigrante recém estabelecida no Brasil, e a partir do conjunto de fotografias de Suejiro Yasunaka constantes no “Álbum Comemorativo do 10º Aniversário da Colonia Bastos”<sup>2</sup>, refletir sobre o uso da fotografia como fonte histórica.

Tudo indica que a análise de qualquer fotografia não pode deixar de considerar as construções operadas nas práticas de três atores: o fotógrafo (*operator*), o fotografado (*spectrum*) e o espectador (*spectator*)<sup>3</sup>. Na perspectiva do *operator*, neste artigo traço um breve perfil das trajetórias de Suejiro Yasunaka como fotógrafo imigrante japonês entre os anos de 1928 e 1938, quando realiza a publicação do “Álbum Comemorativo do 10º Aniversário da colônia de Bastos, SP”. O trabalho empreendido por ele também permite pensar relações entre a aventura migrante e a aventura fotográfica.

Na perspectiva analítica do *spectrum*, verifico, dentro de um grupo de 773 imagens, a presença de gênero, o contexto e o modo como homens e mulheres aparecem representados nas fotografias. Empreendo uma análise quantitativa deste conjunto de fotografias, identificando paralelos com as representações de gênero entre imigrantes japoneses traçadas por Célia Sakurai em “O Romanceiro da Imigração Japonesa”<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A singularidade: uma construção nos andaimes pingentes da teoria histórica*. In: História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007. p.247.

<sup>2</sup> YASUNAKA, Suejiro. *Álbum Comemorativo do 10º aniversário da colônia Bastos*. Acervo pessoal de Yutaka Yasunaka. São Paulo: Sociedade Colonizadora do Brasil, 1938.

<sup>3</sup> Estas seriam as três práticas humanas possíveis em torno da Fotografia, conforme Roland Barthes expôs em “A Câmara Clara. Notas sobre a fotografia”. BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

<sup>4</sup> SAKURAI, Célia. *Romanceiro da imigração japonesa*. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1993 – (Série Imigração; v. 4)

Adiante, destaco duas páginas do álbum para reflexão acerca de sua composição visual e mergulho em fotos específicas. Como único espectador (*spectator*) das imagens ouvido neste artigo, exponho esta condição, ao discutir o caráter polissêmico da fonte imagética e possibilidades de extensão deste trabalho na interação com imigrantes japoneses no Brasil da atualidade, para que outras vozes atuem sobre a leitura do documento. Organizado por Suejiro Yasunaka e patrocinado pela Sociedade Colonizadora do Brasil e pelas famílias de imigrantes da própria colônia de Bastos, SP, este impresso de 214 páginas nos permite múltiplas leituras, abrindo pesquisas para as áreas de migração, gênero, fotografia, família, moda e política.

### **Fotografia, aventura migrante**

Suejiro Yasunaka iniciou sua relação com a fotografia na década de 1920, na cidade de Sapporo - Ilha de Hokkaido, Japão. Sua incursão nos conhecimentos desta arte e ciência se deu no convívio diário com Abe Gueitiro, na casa de quem residiu por quatro anos, prestando pequenos serviços domésticos em troca do aprendizado do ofício de fotógrafo. No último ano de sua formação, vê seu mestre falecer, deixando mulher e filhos órfãos. Em consideração e gratidão, Suejiro assume os trabalhos de Gueitiro e o sustento da família. Após ensinar ao menino mais velho o ofício do pai que partiu, monta um estúdio e laboratório fotográfico próprio na mesma cidade. Mas logo percebe que, por sua maior experiência e contato com a comunidade, seu negócio acabava por roubar os clientes do foto da família Gueitiro, fazendo-o desejar a mudança para outra cidade.



À esquerda, Abe Gueitiro; ao centro, Suejiro Yasunaka; à direita, o Photo Yasunaka no Japão, década de 1920. Fonte: Reprodução do acervo de Yutaka Yasunaka em Londrina, PR-2006.

Em 1928 já estava casado com Shizu e tinha um filho com um ano de idade, Yutaka. Segundo o próprio Yutaka me relataria setenta e oito anos depois, a propaganda de estímulo à migração para o Brasil atraiu seus pais, que então empreenderam a viagem, cruzando os mares entre os portos de Kobe e Santos a bordo de um navio e fixando-se em Registro-SP. O pretexto era de que viriam para trabalhar nas lavouras de café por no mínimo dois anos, pois esta era uma das principais condições para se obter a permissão (e o incentivo) para emigrar do Japão para cá <sup>5</sup>. A família cumpria os critérios de migrar em grupo, mas não pretendia o trabalho na terra. Tanto que seis meses após a chegada ao Brasil, Suejiro já havia se estabelecido como o fotógrafo da colônia de Registro, fundando em 1930, ele e sua família, o Photo Yasunaka.

<sup>5</sup> No acordo entre os dois países, o Brasil pagava as passagens de terceira classe em navios e as despesas da viagem eram custeadas pelo fazendeiro, que depois as descontavam do pagamento aos trabalhadores. Mais em SAKURAI, Célia. *Imigração Japonesa no Brasil: um exemplo de migração tutelada*. In: FAUSTO, Boris (org). *Fazer a América*. São Paulo: Eduscsp, 1999. p 201-239. Conto ainda com uma abordagem na perspectiva das teorias migratórias, ver ASSIS, Gláucia de Oliveira; SASAKI, Elisa Massae. *Teorias das migrações internacionais*. Gt de Migração. Caxambu, MG, ABEP: 2000.



Shizu e Yutaka, esposa e filho de Suejiro, em frente ao comércio da família. Registro, SP, entre 1930 e 1933.  
Fonte: Reprodução do acervo de Yutaka Yasunaka em Londrina, PR-2006.

Na colônia em Iguape-Sp, no núcleo de Registro, iniciou trabalho fotográfico que se repetiria na colônia de Bastos-Sp. Além dos serviços de estúdio e registro de eventos, a **produção de álbuns comemorativos** - cuja narrativa de memória tem em si a aura da aventura. A cavalo, portando pesado equipamento fotográfico – a câmera e o tripé eram de madeira maciça e os negativos, chapas de vidro – Suejiro percorreu as trilhas das duas colônias, oferecendo de casa em casa seu serviço de fotógrafo. O trabalho realizado por ele entre 1929 e 1938 resultaria na publicação de um álbum em comemoração pelos 20 anos da colônia de Iguape, e outro em comemoração pelos 10 anos da Fazenda Bastos, material que analiso neste artigo.



Suejiro Yasunaka nas trilhas da colônia imigrante <sup>6</sup>. Registro, SP, década de 1930. Fonte: Reprodução do acervo de Yutaka Yasunaka em Londrina, PR-2006.

## Fontes abertas

Tanto o álbum de Registro-SP (publicado em 1933), como o realizado em Bastos-SP (publicado em 1938), demandaram cada um cerca de três anos de empenho por parte de

---

<sup>6</sup> Eis uma foto que me olha e, ondulante, leva meu olhar ao horizonte. Etienne Samain traz um escrito que sintetiza meu sentimento com esta fotografia “Para Barthes, a fotografia é essencialmente uma ‘fuga’ e a ocasião de uma ‘aventura’ que somente se tornam possíveis, quando a fotografia induz a pensar e torna-se ‘pensativa’, quando, ondulante, ondulosa como as ondas do mar, leva nela nosso pensamento e nosso imaginário. O princípio de aventura me permite fazer a fotografia existir”. SAMAIN, Etienne. *Um retorno à Câmara Clara: Roland Barthes e a Antropologia Visual*. In: SAMAIN, Etienne (org.). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005. p. 88. Não seria também o princípio de aventura que impulsiona o homem a emigrar? Sinto que a atmosfera da aventura perpassa as artes da fotografia e da migração. Afinal, fotógrafos, aventureiros e migrantes - ambos confiam em sua própria força e sorte no jogo com o acaso. “Na aventura (...) apostamos tudo justamente na chance flutuante, no destino e no que é impreciso, derrubamos a ponte atrás de nós, adentramos o nevoeiro, como se o caminho devesse nos conduzir sob quaisquer circunstâncias”. SIMMEL, Georg. *A aventura*. In: SOUZA, Jessé e OËLZE, Berthold. (orgs.) *Simmel e a modernidade*. Brasília: UnB, 1998. p. 176. Vejo essa atitude no olhar de Suejiro. Ver também SIMMEL, Georg. *O estrangeiro*. In: MORAES FILHO, Evaristo. Simmel. São Paulo: Ática, 1983. Coleção Os grandes cientistas sociais.

Suejiro. Foi o filho Yutaka quem guardou as duas grandes obras produzidas pelo pai e que me permitiu, em 2005, conhecer os materiais. Neste artigo, que escrevo no ano de 2008, me debruçarei sobre as fotografias do “Álbum Comemorativo dos 10 anos da Fazenda Bastos”. O propósito inicial de abordar o álbum produzido em Iguape, me foi impossibilitado dada a razão do material ter sido cedido a organizadores das comemorações dos cem anos da imigração japonesa, estando indisponível para consulta.

Destaco a importância de narrar a trajetória de Suejiro a partir das memórias de seu filho, Yutaka. Qualquer análise histórica deste álbum seria prejudicada sem o conhecimento dos motivos que levaram a sua produção, bem como a ação humana de construção em torno do objeto. Infelizmente não pude conversar com o próprio Suejiro, o que permitiria cartografar com maior precisão a história do documento. Ao trazer uma rica análise sobre o uso de fotografias antigas como fonte para a pesquisa histórica, Boris Kossoy nos aponta que “entre o referente e a representação existe um labirinto cujo mapa se perdeu no passado: desapareceu com o próprio desaparecimento físico do fotógrafo, o criador da representação”<sup>7</sup>.

Da materialidade do objeto, posso constatar que o álbum tem 214 páginas e foi impresso em gráfica, sendo monocor (em preto e branco), tendo as páginas internas compostas por papel de seda liso e a capa dura com encadernação costurada. Sugerindo uma navegação ao modo japonês, a leitura do álbum se inicia pelo verso, ou seja, pela contracapa. O título da capa “Álbum comemorativo dos 10 anos da Fazenda Bastos” aparece em português, impresso em relevo dourado, conforme demonstram as imagens a seguir.

---

<sup>7</sup> KOSSOY, Boris. *Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia*. In: SAMAIN, Etienne (org.). O fotográfico. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005. p.45. Temática também discutida em KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 1999.



Detalhes da capa. Fonte: Álbum Comemorativo do 10º aniversário da colônia Bastos, produzido por Suejiro Yasunaka. São Paulo: Sociedade Colonizadora do Brasil, 1938.

As iniciais SCB - Sociedade Colonizadora do Brasil – aparecem impressas no canto superior esquerdo, também com relevo dourado. Mas segundo Yutaka Yasunaka, a SCB não foi a única patrocinadora do material. Os custos da publicação foram rateados entre a SCB e a comunidade da colônia de Bastos, que queria se ver representada no álbum comemorativo.

Podemos destacar ao menos três personagens envolvidos e interessados diretamente na produção do álbum: a SCB, a comunidade de colônia de Bastos-Sp e o próprio fotógrafo. Tinham, portanto, expectativas quanto ao resultado do mesmo. O material comemorativo firmaria representações para a posteridade. Famílias, comerciantes, indivíduos, posaram para Suejiro Yasunaka buscando inscrever, em luz e sombra, a imagem que gostariam de projetar de si mesmos para os outros.

A narrativa construída por Suejiro através de fotografias e legendas constitui uma fonte aberta a múltiplos discursos em seu entorno. As luzes que lancei sobre ela, buscam formar imagens em torno de aspectos da imigração japonesa no Brasil, enfocando as representações de gênero nas fotografias do álbum. Sobre este álbum muitas outras pesquisas podem se realizar, cabendo ao pesquisador definir o recorte. De acordo com Miriam Moreira Leite, “não é a imagem, mas o leitor quem realiza a decomposição e a integração da problemática da proposição visual, de acordo com seus critérios referenciais e intertextuais”.<sup>8</sup>

Centrarei minha análise nas imagens constantes entre as páginas 21 e 213, quando se iniciam as fotos da colônia japonesa em Bastos, SP. Analisarei a organização das imagens no álbum e em que contextos homens e mulheres aparecem representados nestas fotografias.

<sup>8</sup> LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente*. SAMAIN, Etienne (org.). O fotográfico. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005. p.63. Mais a respeito em LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de Família: Leitura da fotografia histórica*. São Paulo: Edusp, 2000.

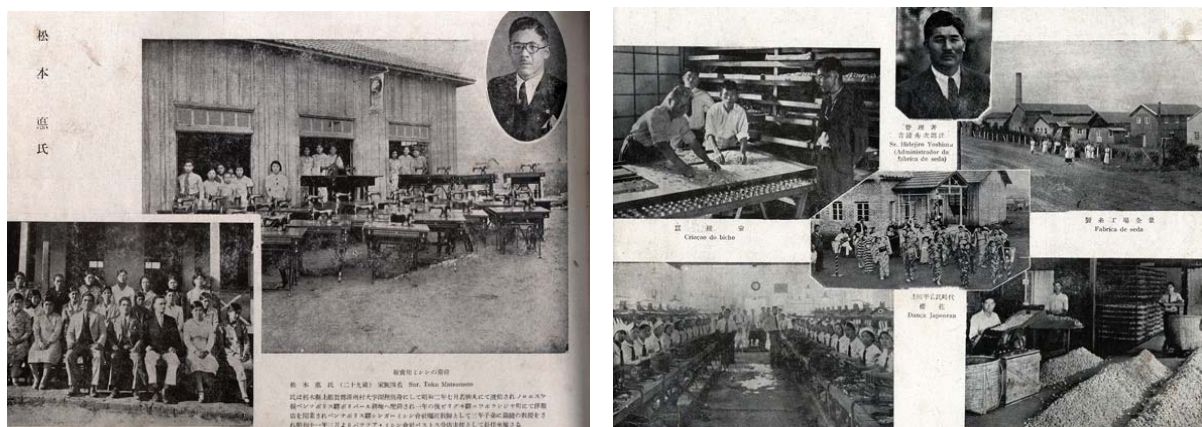


Excluirei as vistas gerais de ruas e plantações, tomando apenas os retratos como objeto de análise por neles estarem, homens e mulheres, em primeiro plano.

## Lugares e artigos definidos

Após uma fotografia panorâmica da Vila Bastos, um mapa situando geograficamente a colônia e registros das principais estruturas da região (a estação ferroviária de Rancharia, a estrada entre Rancharia e Bastos, o auto ônibus, escola, delegacia), cada página passa a apresentar um estabelecimento comercial ou uma família em especial, havendo em média entre três e seis fotos em cada página. Sobre essas imagens realizei um trabalho de quantificação da presença de gênero, organizando em temas de acordo com o contexto e ambiente.

No decorrer do trabalho, localizei sete categorias temáticas, definidas de acordo com os contextos predominantes das imagens, sendo elas: **retratos de família; lavoura; retrato-destaque; comércio; rua e lazer; fabril; serviço público.** Em **comércio** foram incluídas as fotos de hotéis, postos de gasolina, feira de verduras, armazéns; em **rua e lazer**, eventos, encontros promovidos por associações, reunião de jovens, esporte, dança, festa esportiva, piscina, cinema; **fabril** inclui indústrias, fábricas, máquinas de beneficiamento, serraria, alfaiataria; **serviços públicos** incluem o Instituto Agrônômico, escolas, hospitais, delegacia e a sociedade cooperativa de Bastos.



Miniaturas de páginas do álbum. Fotos: Suejiro Yasunaka. Fonte: Álbum Comemorativo do 10º aniversário da colônia Bastos, SP – 1938.

Entre as 773 imagens analisadas no álbum, em 612 temos a presença tanto de homens como de mulheres, destacando-se as fotografias de família e as realizadas nas lavouras, ou durante o trabalho.

Nas outras 161 imagens, temos a presença de apenas indivíduos do mesmo sexo. Neste grupo, a figura masculina aparece em 93,2 % das imagens, presente em 150 destas. Em apenas 11 fotografias, ou seja, neste grupo, em apenas 6,8 % das ocasiões as mulheres surgem sem a companhia dos homens.

**Tabela 1:**  
**Presença de gênero e contexto nas imagens do álbum**

Contexto / Ambiente	Gênero Presente		
	Homens e Mulheres	Apenas Homens	Apenas Mulheres
<b>Retrato de Família</b>	330	03	-
<b>Lavoura</b>	212	20	01
<b>Retrato destaque</b>	-	67	05
<b>Comércio</b>	28	23	02
<b>Rua e Lazer</b>	26	07	-
<b>Fábrica</b>	10	18	03
<b>Serviço Público</b>	06	12	-
<b>Total de fotos</b>	<b>612</b>	<b>150</b>	<b>11</b>

**Fonte:** contagem realizada sobre o “Álbum Comemorativo do 10º aniversário da Fazenda Bastos”, produzido pelo fotógrafo Suejiro Yasunaka. Foram incluídas neste cálculo as imagens constantes entre as páginas 21 e 213 do álbum, referentes ao trabalho e cotidiano dos colonos japoneses residentes em Bastos, SP. As páginas excluídas referem-se a políticos e personalidades de fora da comunidade imigrante.

Quando se analisa as fotos em que há a presença de apenas pessoas do mesmo gênero, em todas as categorias há mais fotografias relativas a homens do que em relação as mulheres. Nas onze fotografias em que se encontram apenas mulheres, estas surgem vinculadas a família ou ao trabalho, nos seguintes contextos: Fábrica de Seda, Hotel Central, Alfaiataria, Bar e Sorveteria Kazuo Honda, Pensão Yoshida, Lavoura e cinco em retrato-destaque, como esposas - fotos acompanhadas de retrato do marido em retrato-destaque logo ao lado.

Os dados sugerem que a mulher japonesa migrante deveria aparecer publicamente sempre vinculada a família ou ao trabalho, pois estas eram as expectativas atribuídas ao

gênero. “Pouco aparece da vontade individual, dos sonhos de cada uma. Aparece apenas a fidelidade e a dedicação à família”.<sup>9</sup>



“Alfaiataria”. No canto inferior esquerdo, na equipe de trabalhadores, notar os homens no centro do grupo; no canto superior direito, retrato-destaque do “Snr. Toku Matsumoto”; na foto maior, as máquinas de costura em primeiro plano e as mulheres ao fundo. Fonte: Álbum Comemorativo do 10º Aniv. da Fazenda Bastos -1938.

<sup>9</sup> SAKURAI, Célia. *Romanceiro da imigração japonesa*. p. 94



Modo de composição de uma das páginas, “Hotel Central”. Foto: Suejiro Yasunaka.  
Fonte: Álbum Comemorativo do 10º Aniversário da Fazenda Bastos -1938.

Em *Romanceiro da Imigração Japonesa*, Célia Sakurai realiza uma interessante análise das representações de imigrante japonês a partir de romances escritos à época dos primeiros anos da colonização. “Apesar de escritos por mulheres, os romances têm como traço característico dar pouca voz para essas personagens femininas. A família, vista pela mulher, é o ponto central da narrativa, não a mulher como indivíduo”.<sup>10</sup>

A análise do conjunto de fotografias do álbum permite visualizar com muita proximidade a afirmação de Célia Sakurai. Das 623 fotos em que as mulheres aparecem, acompanhadas ou não por homens, 330 delas (53%) se referem a fotos de família.

A figura pouco falante e sempre atarefada, às vezes até apagada da mulher, é o eixo que une o homem e os filhos. A mãe participa do trabalho na lavoura junto com o marido e filhos, cuida dos afazeres domésticos, tem inteira responsabilidade pela criação dos filhos.<sup>11</sup>

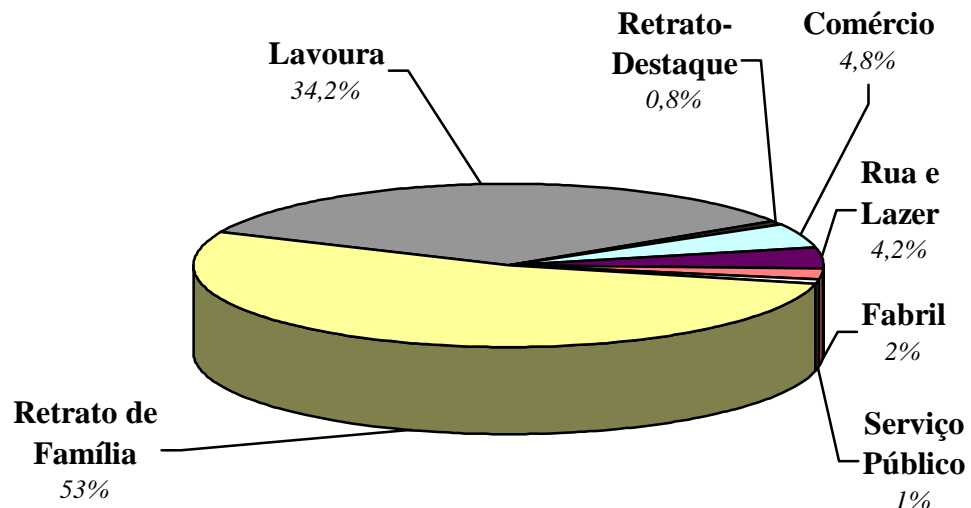
O gráfico A, “Contextos da presença feminina”, permite perceber que do total das fotos em que as mulheres aparecem, acompanhadas ou não por outros homens, é justamente

<sup>10</sup> SAKURAI, Célia. *Romanceiro da imigração japonesa*. p.5

<sup>11</sup> SAKURAI, Célia. *Romanceiro da imigração japonesa*. p.28

entre a família e a lavoura que a mulher se “divide”. Estes seriam os dois espaços sociais em que a presença feminina poderia atuar e deixar-se representar numa fotografia, no contexto daquela comunidade japonesa imigrante do final dos anos 1930.

**Gráfico I**  
**Contextos da presença feminina\***



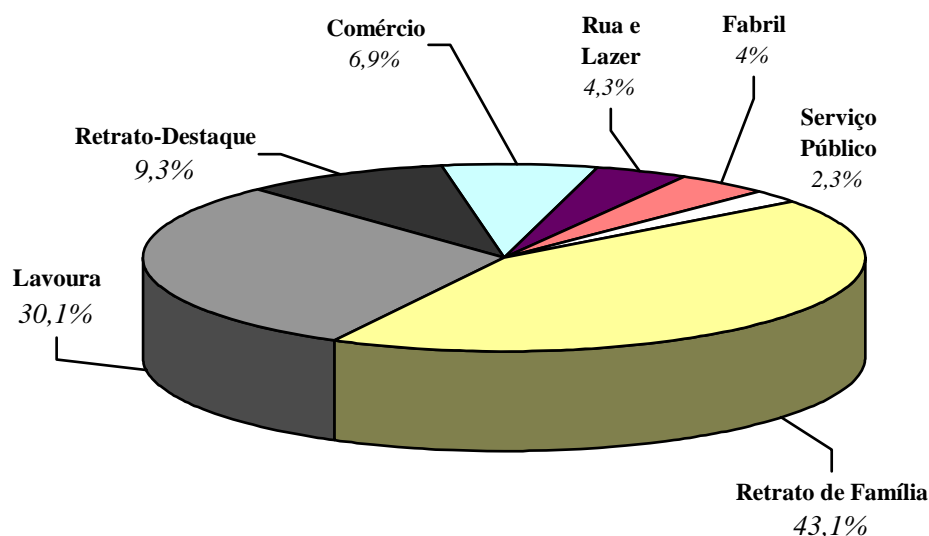
\* Contextos em que as mulheres aparecem, acompanhadas ou não por homens, em um total de 623 fotografias. **Fonte:** contagem realizada sobre o “Álbum Comemorativo do 10º aniversário da Fazenda Bastos”, produzido pelo fotógrafo Suejiro Yasunaka - páginas 21 a 213.



Detalhe da página “Hotel Central”, em que a fotografia da família ocupa a posição central.  
Fonte: Álbum Comemorativo do 10º Aniversário da Fazenda Bastos -1938.

A divisão entre categorias apontam uma predominância de retratos de família, seguido das imagens realizadas na lavoura. O comércio, que particularmente interessava aos imigrantes japoneses na busca pela ascensão social, aparece em seguida, mas com uma pequena participação.

**Gráfico II:**  
**Contextos mais freqüentes no total das imagens**



\* 100% = 773 fotografias. **Fonte:** “Álbum Commemorativo do 10º aniversário da Fazenda Bastos”, produzido pelo fotógrafo Suejiro Yasunaka - páginas 21 a 213.

O fato de haverem muitas imagens em que o contexto é agricultura, explica-se mais pela necessidade do que por uma suposta “vocação” dos japoneses pelo trabalho no campo. Segundo Célia Sakurai, “pode-se afirmar que grande parte dos imigrantes japoneses voltou-se para a agricultura aqui no Brasil, dadas as circunstâncias que encontraram, não por opção. Os outros vieram ao Brasil sem nenhuma experiência anterior de trabalho agrícola”.<sup>12</sup>

Em 1928, quando no Brasil continuava-se a varrer sertões imaginários e o café era o principal produto de exportação, no Japão Suejiro Yasunaka já trabalhava com fotografia, uma atividade ligada principalmente ao modo de vida urbano. “A origem urbana dos

<sup>12</sup> SAKURAI, Célia. *Romanceiro da imigração japonesa*. p.65

imigrantes retratados nos romances, confirmada pelos dados oficiais, modifica a visão do senso comum de que os japoneses são uma etnia de agricultores”.<sup>13</sup>



Para tirar a foto, a família reuniu-se na lavoura. Ao fundo, área recém desmatada. Imagem constante no canto inferior esquerdo da página “Hotel Central”. Foto: Suejiro Yasunaka. Álbum Comemorativo do 10º Aniversário da Fazenda Bastos - 1938.

Não é difícil imaginar a dificuldade enfrentada por jovens da classe média urbana japonesa no contato com as condições de trabalho e higiene nos “sertões” brasileiros que ajudavam a desmatar. Em 1938, enquanto o Japão se cercava de educação, indústrias, nacionalismo e militarização crescente, era a mata, a roça e a onça quem rondavam seus imigrantes em terras brasileiras. Vale lembrar que a região sudeste do Estado de São Paulo, onde se situa Bastos, é uma região cercada de Mata Atlântica, ecossistema exuberante que abriga metade da biodiversidade de fauna e flora do planeta.

A imagem do *corte* talvez seja a que melhor representa a experiência de cruzamento das fronteiras e contato com o novo meio, principalmente para a primeira geração de imigrantes. Corte abrupto, no instante decisivo, como o movimento do obturador da câmera fotográfica que guilhotina o tempo e o espaço, transformando-os em memória – realidade à qual não se pode retornar e que só existe nela mesma.

A imigração representa um profundo corte, com vários desdobramentos no plano material e no plano do imaginário. O corte não é sinônimo de apagamento de uma fase passada, na vida individual, familiar ou de grupo, integrando-se pelo contrário ao presente, com muita força.<sup>14</sup>

Entre o ato migratório e o ato fotográfico, entre estes dois modos de aventura e de exercício de alteridade, uma atitude de ruptura é exigida em comum. “Para o fotógrafo, há

<sup>13</sup> SAKURAI, Célia. *Romanceiro da imigração japonesa*. p.65

<sup>14</sup> FAUSTO, Boris. *Imigração: cortes e continuidades*. In: Schwarcz, Lilian M. (org.). *A história da vida privada no Brasil. Contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Cia das Letras, 1998, volume 4. p. 14

apenas uma opção a fazer, opção única, global e que é irremediável. Pois uma vez dado o golpe (o corte), tudo está dito, inscrito, fixado”.<sup>15</sup> Uma vez cruzada a fronteira, está feito o gesto radical, uma barreira se quebra.

Ao imigrante, ar, água, céu e terra, tudo lhe é estranho. Em carne viva sente, no contato direto com a diferença, o novo ambiente que envolve e abarca seus sentidos. Seu valores culturais “oscilam entre o passado que deixou para trás, que está sendo reconstruído no prédio da memória, e o presente que o invade pelos olhos, ouvidos, boca, pele e nervos.”<sup>16</sup>

Pode-se dizer que os imigrantes japoneses aceitaram o desafio de escrever uma nova história em país distante, apesar de todas as dificuldades. A base de valores que trouxeram do outro lado do mundo - a resignação como sinal de virtude e a educação como principal investimento familiar – contribuiu para a mobilidade social em terras brasileiras.

O confucionismo, no qual este princípio é baseado, ensina que o homem deve ir em busca da harmonia (wa), entendida como a harmonia entre homem e universo. A aceitação daquilo que o destino coloca nas mãos do indivíduo é uma das virtudes que conduz o homem à harmonia. Supõe que ‘cada um deve conhecer o seu lugar’ no universo.<sup>17</sup>

As fotos do álbum sugerem que as mulheres japonesas imigrantes de fato *conheciam o seu lugar*, e este era propriamente o lugar da família, ao lado do marido e dos filhos, ou no trabalho. De qualquer modo, sempre discretas, fora de evidência, silenciosas.

---

<sup>15</sup> DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Tradução Marina Appenzeller – Campinas, SP: Papirus, 1994. p. 161.

<sup>16</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A singularidade: uma construção nos andaimes pingentes da teoria histórica*. p. 248.

<sup>17</sup> SAKURAI, Célia. *Romanceiro da imigração japonesa*. p. 52





*Mulheres funcionárias da fábrica de seda. Foto: Suejiro Yasunaka. Fonte: Álbum Comemorativo do 10º Aniversário da Fazenda Bastos. Bastos, SP - 1938.*

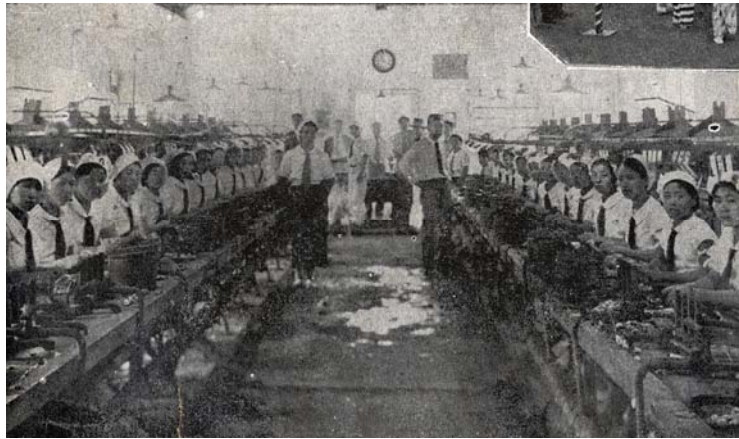
Em uma das apenas 11 imagens em que estão presentes somente mulheres (de um universo total de 773 fotografias), e que tem por legenda “Fábrica de seda”, as mulheres aparecem ao longe, pequenas, o que impossibilita até mesmo a diferenciação de seus rostos. Trata-se mais de uma vista geral da fábrica de seda, que de um retrato das mulheres trabalhadoras da fábrica de seda. Percebe-se que o fotógrafo não se aproximou delas para realizar a tomada.

Em outra imagem da mesma página, à esquerda, intitulada “Criação do bicho”, os homens trabalhadores aparecem nitidamente, num plano muito mais próximo, possibilitando identificar os atores e detalhes da atividade.



À esquerda, página completa; à direita, detalhe da página, com a legenda “Criação do bicho”. Fonte: Álbum Comemorativo do 10º Aniversário da Fazenda Bastos. Bastos, SP - 1938.

Na página inteira, se visualizam seis imagens. Uma foto-destaque do administrador da fábrica de seda, “Sr. Hidejiro Yoshiura”, no centro e no alto, é acompanhada de quatro fotos do processo de produção da seda. Ao centro, uma inusitada foto a que se segue a legenda “Dança Japonesa”, o único registro do álbum com essa temática. A foto do canto esquerdo inferior também merece destaque. A imagem, construída com simetria, traz um conjunto de mulheres que, alinhadas em paralelo, formam uma perspectiva que conduz o olhar ao conjunto de homens que está ao centro. Mulheres ao lado, homens ao centro, e o relógio acima de todos.



“Fábrica de Seda”. Como se vê, as japonesas imigrantes não trabalhavam apenas na casa e na lavoura. Foto: Suejiro Yasunaka  
Fonte: Álbum Comemorativo do 10º aniv. da Faz. Bastos - 1938.

Outra imagem que me sugere “o lugar” social destinado às mulheres japonesas na década de 1930 numa colônia de imigrantes, é a foto que aparece no canto superior direito da página do “Hotel Central. Uma das tais onze imagens em que estão presentes somente mulheres.



A presença feminina na intimidade da casa.”Hotel Central”. Foto:  
Suejiro Yasunaka. Fonte: Álbum Comemorativo do 10º aniversário  
da Colônia Bastos - 1938.

Na foto as mulheres aparecem, por acaso, no fundo do corredor, de onde uma forte luz é refletida. Elas olham para as lentes do fotógrafo, intrigadas, talvez para ver o que afinal fazia aquele homem com aquela câmera. Elas bem sabiam que ele não estava ali a fotografá-las, mas a fotografar as instalações do hotel. Silenciosas e reservadas, presentes na intimidade de um corredor que leva aos quartos da casa, trabalhando nos bastidores da família: eis os “lugares” determinados àquelas mulheres e que elas conheciam tão bem.

Os objetos orientais que compõem o cenário e que podem ser identificados - um abajur e uma cerâmica com o formato de um pequeno elefante – nos fazem retomar a idéia da migração como corte, trabalhada com primor por Boris Fausto:

Já assentado no Brasil, o imigrante busca amenizar o corte materializando, de várias formas, a lembrança da terra que deixou. Desse modo, o arranjo de sua casa tem características próprias, evidenciadas nos chamados objetos biográficos. Um retrato emoldurado de toda a família, tirado geralmente pouco antes da partida, uma imagem religiosa, baixelas, tapetes, uma caixa de madrepérola, ou simples talheres, são expostos como fragmentos de um mundo a que se desja voltar mas que se

suspeita jamais ser possível rever ou, talvez pior, ao revê-lo, não mais reconhecer seus traços originais.<sup>18</sup>

## Considerações Finais

A análise do “Álbum Comemorativo do 10º aniversário da Colônia Bastos” permite lançar questões sobre representações de gênero e de imigrante na colônia japonesa de Bastos na década de 1930. Como toda fonte imagética, trata-se de uma fonte em aberto, a partir da qual múltiplos olhares e recortes perceberão novas informações a respeito da comunidade recém chegada ao Brasil.

Estas fotografias conservam os vestígios de um passado humano irreversível, que não se repetirá jamais. Homens e mulheres passando por espaços, pelo tempo, pela vida, e que ainda hoje nos espreitam do fundo das imagens, a nos lembrar da fluidez de todas as coisas.

A vida, no entanto, continua e a fotografia segue preservando aquele fragmento congelado da realidade. Os personagens retratados envelhecem e morrem, os cenários se modificam, se transfiguram e também desaparecem. O mesmo ocorre com os autores-fotógrafos e seus equipamentos. De todo o processo, somente a fotografia sobrevive, algumas vezes em seus artefatos originais, outras vezes apenas o registro visual reproduzido.<sup>19</sup>

A preservação deste álbum após 70 anos de sua publicação é um ato louvável da parte de Yutaka Yasunaka. O material carece de um trabalho aprofundado de restauro e pesquisa: tradução de textos em japonês, análise de discursos, digitalização das páginas e tratamento das imagens - pois apesar de sua duração o material é frágil, a capa está cedendo, páginas estão rasgadas e amareladas. Localizar as fotografias originais, em negativo ou ampliadas em papel, também seria um grande avanço para a preservação deste patrimônio da história da imigração japonesa no Brasil, as fotos de Suejiro Yasunaka.

Não se pode deixar de considerar que Suejiro Yasunaka era um homem do seu tempo, portanto sua postura enquanto fotógrafo também esteve determinada pelos atributos de gênero da época. As múltiplas escolhas inerentes ao processo de produção fotográfica, o modo como estruturou a montagem das páginas e a organização de fotos e textos, enfim, um olhar masculino está posto na construção das narrativas visuais ali presentes. Além do

---

<sup>18</sup> FAUSTO, Boris. *Imigração: cortes e continuidades*. p. 18

<sup>19</sup> KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p.156.

possível, imaginemos: em que se diferenciaria o mesmo álbum comemorativo caso este fosse produzido por uma mulher fotógrafa japonesa?

Durante muito tempo as mulheres não foram vistas como sujeitos nos processos migratórios. Mas ao lado de Suejiro, por todo o tempo esteve Shizu, sua esposa. Que cuidava da casa enquanto ele percorria as trilhas da colônia japonesa empreendendo a aventura fotográfica sobre seu cavalo. Foi quem cuidou dos filhos enquanto ele passou nove meses no Japão realizando a impressão do primeiro álbum, produzido na colônia de Registro. Foi a mediadora cultural na reunificação familiar, a ponte no diálogo entre o pai e os filhos, que por meses pouco se viam.

A exemplo do que ocorreu em outras etnias, as relações familiares tiveram um peso muito importante para a migração feminina japonesa. Os japoneses e japonesas que aqui chegaram trouxeram em sua bagagem cultural hábitos e valores de seu país de origem, e os atributos de gênero definiram as chances de homens e mulheres na realização de seu projeto migratório. A divisão entre os universos masculino (o mundo da rua) e feminino (o mundo da casa), determinou sensivelmente as trilhas abertas a cada gênero como opção de vida no decorrer dos anos em terras brasileiras.

Pela análise quantitativa de um conjunto de 773 imagens do álbum, pode-se verificar o potencial da fotografia como fonte histórica e, dado o recorte, trazer à luz representações de gênero. Não desejei aqui pretender afirmações generalizantes e definitivas sobre as relações entre os imigrantes japoneses, mas tangenciar aspectos a partir das imagens do álbum e da descrição de outros autores, afinal,

Este ser que procura a construção de um futuro melhor, que sonha ‘sonhos felizes de cidade’, é um ser do devir, é um ser em devir, um ser que se constrói permanentemente; que, portanto, não pode ser paralisado, congelado em estereótipos preconceituosos, que o buscam capturar e reduzir; que buscam domar sua diferença. Deve-se procurar explodir os estereótipos, buscando reconstruir os lugares onde se criam, onde se produzem e se reproduzem.<sup>20</sup>

Pois é preciso lembrar que a história continuou e continua em movimento. A experiência de alguns destes imigrantes de Bastos já foi encerrada, mas para outros a vida ainda pulsa. Tanto elas como eles, que aqui são tidos como “japoneses” e no Japão como “brasileiros”, foram inevitavelmente impregnados pelo ar dos trópicos, o mesmo ar que impregna a mim e a você. Neste espaço e no tempo, envelhecemos dia a dia, reinventando-nos

---

<sup>20</sup>ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A singularidade: uma construção nos andaimes pingentes da teoria histórica*. p. 253

a cada instante, na velocidade de um clique de pensamento. Seleccionando memórias e imaginando raízes que nos dêem sustentação em nosso navegar de ilhas flutuantes.

Muitos valores mudaram com o tempo, e, portanto, novas pesquisas se fazem necessárias sobre as imagens que analisei. Como os nikkeis da atualidade percebem as representações de gênero ali expressas? Que memória se conserva e se projeta nas falas de idosos japoneses imigrantes frente a essas imagens da colônia de Bastos? Que aspectos mais lhe tocam? Que lembranças as imagens despertam? Que outras narrativas migratórias podemos traçar ou evocar a partir do trabalho realizado por Suejiro Yasunaka? As perguntas estão postas. O tempo continua a passar e os homens e mulheres a passar por ele, a mover-se no mundo, no giro que não cessa. E os seres humanos continuam a precisar dos feixes de luz da fotografia para reter e cristalizar os instantes de seu contínuo migrar pela vida.

Artigo recebido em 15/12/2008 e aprovado em 01/03/2009.